

A melhor semana da vida da Mosca

Leonardo Schraiber Colato

Os fregueses do café ficaram surpresos ao ler o cardápio da semana passada, que oferecia, entre outras coisas, opções de comidas e bebidas com restos humanos, de cavalos e de cachorros. Não era comum ali naquele café e nem noutros da vizinhança a oferta de comidas e bebidas com restos humanos e de cavalos, só uma vez ou outra com os de cachorros. A notícia se espalhou rápido, e logo todos os cafés da região se encontravam com listas e mais listas de espera que se estendiam por vários e mais vários dias.

Mosca, uma mosca-da-carne frequentadora assídua de cafés, ao saber da boa nova reservou para si em seu estabelecimento favorito a menor mesa, a de dois lugares, para todos os dias daquela semana. Ela queria experimentar cada um dos novos pratos especiais do cardápio, mesmo sem ter uma companhia para sentar-se e saborear as comidas com ela. Aquela era uma oportunidade única em sua vida tão breve, então estava fora de cogitação não aproveitar.

No primeiro dos sete dias que reservou mesa, a Mosca fez seu trajeto de costume ao café, zunindo o zunido de sempre e batendo as asinhas as vinte mil vezes por minuto que de praxe batia. Notou, porém, uma névoa forte e alaranjada que tapava o Sol e dificultava a sua visão, e sentiu também um cheiro estranho, não o saboroso da putrefação, mas outro. Não se importou muito com tudo isso, pois a fome dela anulava qualquer outro sentimento.

Quando chegou ao café foi surpreendida pelo Besouro, que parecia tão solitário e faminto quanto ela, e os dois sentaram-se juntos. Ele lhe contou que a novidade se espalhara tão forte quanto um tiro de canhão e estava sendo tão bem falada que até os guaxinins, os coiotes, os urubus e outros tantos grandes animais desses que gostavam das mesmas comidas que eles passaram a encher os cafés da região, e que por isso era preciso tomar um cuidado redobrado para não virar tira-gosto deles.

– Mas e essa fumaça laranja e fedorenta, que é? – Perguntou a Mosca depois de findar a farta refeição do primeiro dia.

– Tão dizendo que tem a ver com essas armas, esses capacetes e essa coisarada toda de metal que deixaram aí – respondeu o Besouro, repetindo o prato porque era maior que a Mosca e tinha mais fome. – Mas que nada, ninguém tá se importando porque foi ela que trouxe essa abundância toda pra gente e a gente tem que agradecer.

– Concorde – disse a Mosca, esfregando as patinhas ao lembrar dos deliciosos fluídos que acabara de provar pela primeira vez. – O meu favorito foi o do humano.

– O meu também – falou o Besouro. – Bem diferente, suculento.

A Mosca estava feliz por ter conhecido o Besouro, pois assim tinha uma simpática companhia para fazer as refeições. No entanto, ali pelo quinto dos sete dias que ela reservou mesa, ao invés de os cafés da região continuarem com uma demanda altíssima, estavam noticiando uma queda drástica na clientela. No último dia, inclusive o Besouro não apareceu, e a Mosca não entendeu como ele pôde ter se permitido perder a última refeição que fariam juntos, mas não quis perturbar os outros poucos que comiam no café para perguntar por ele.

Voltando para casa naquele último dia, a Mosca se sentiu estranha. Suas asinhas já não estavam batendo mais as vinte e mil vezes por minuto de sempre, e o seu zunido também já não era mais o mesmo, estava baixo. A fraqueza a dominou e ela decidiu pousar em algum lugar baixo em meio à névoa alaranjada para descansar. Parada, observou à sua volta: o chão, um tapete de moscas, besouros e tantos outros insetos mortos; a rocha em que pousara, o corpo morto de um coioote. Desde que o cardápio dos cafés mudara, não voava mais baixo por medo do que o Besouro havia lhe falado sobre as aves e os mamíferos, e a névoa não a permitia enxergar muito de cima o que acontecia no chão lá embaixo. Antes que pudesse concluir alguma coisa, sentiu as perninhas estremecerem e o mundo à sua frente girar, girar e girar e então desaparecer num baque silencioso e insignificante. Era mais um fio daquele gigantesco tapete de insetos.

Morreu feliz a Mosca, no entanto. Os seus últimos sete dias foram de dar inveja a qualquer outra mosca como ela. Mas acabou. Na semana que se iniciava a partir dali, as comidas e bebidas com restos humanos, de cavalos e de cachorros ainda disponíveis dos menus passados e as com restos de moscas, besouros, coiootes e outros necrófagos introduzidas nos mais novos cardápios seriam experimentadas exclusivamente pelos fregueses mais fiéis dos cafés da região: os fungos e aquele que era o seu companheiro inseparável, o tempo.